



A Tribuna
Quarta-feira, 01 de dezembro de 2010

Guarujá tem orçamento de R\$ 842 milhões

SIMONE QUEIRÓS
DA REDAÇÃO

Guarujá terá um orçamento de R\$ 842,4 milhões em 2011. O projeto de lei encaminhado pelo Executivo foi aprovado ontem em segunda discussão pela Câmara. A sessão foi marcada pela ausência de Luís Carlos Romazzini (PT), assassinado na última sexta-feira.

Para marcar o episódio foi feito um minuto de silêncio em homenagem ao opositor ao governo. Assim como na primeira votação, o projeto não teve voto contrário.

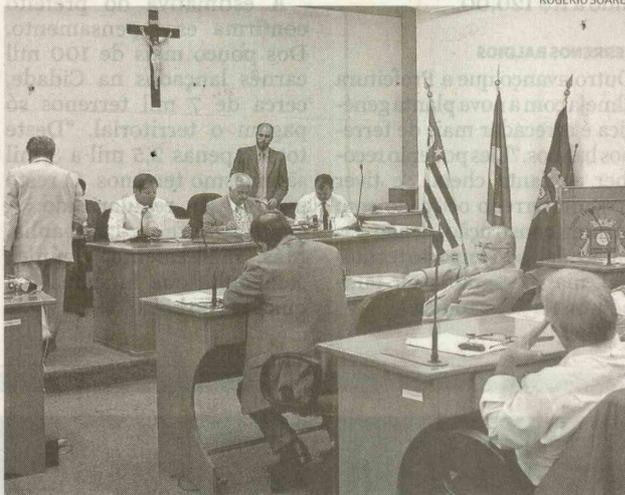
Enquanto a população do Município aumentou 5% nos últimos três anos, a previsão é que as receitas correntes cresçam 64% até 2011, indo de R\$ 477,4 milhões em 2007 para R\$ 783,1 milhões no próximo ano. No mesmo período, a expectativa é que a arrecadação de impostos salte 43%, passando de R\$ 232,1 milhões para R\$ 334,5 milhões.

O consumo das despesas correntes alcançará o mesmo ritmo. Enquanto há três anos a Prefeitura gastava R\$ 436,8 milhões com este tipo de dispêndio, para 2011 a previsão é de R\$ 661,8 milhões, o equivalente a um aumento de 51%. O pagamento de pessoal e encargos sociais deverá crescer em torno de 58% no período, consumindo R\$ 331,3 milhões do orçamento.

SECRETARIAS

A Secretaria Municipal de Educação ficará com a maior fatia do caixa da Prefeitura: ao todo R\$ 244,6 milhões. O montante representa 65% a mais do que o investido em 2007. Já a pasta de saúde, que é a segunda no ranking, consumirá R\$ 149,4 milhões do orçamento, um incremento de 81% comparado há três anos.

Em compensação, levando-se em conta o mesmo período, o aumento do gasto com a Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Financeira se-



ROGÉRIO SOARES

Os vereadores aprovaram ontem a peça orçamentária do Executivo

Evolução

A Secretaria Municipal de Cultura teve o maior crescimento na despesa em 2011

rá maior. O órgão, que acumulou o terceiro maior gasto da máquina, passará de R\$ 61,8 milhões para 122,7 milhões, ou crescimento de 98%.

MAIS CULTURA

Mas a pasta que teve a maior evolução de gastos no período foi a de Cultura, que gastava R\$ 2,8 milhões em 2007 e tem previsão de R\$ 6,2 milhões para 2011 (115% a mais). Em compensação, a que apresentou menor evolução foi a Secretaria de Turismo, que manterá quase o mesmo gasto que há três anos.

Enquanto em 2007 a secretaria tinha uma fatia de R\$ 5,2 milhões do bolo, para 2011 a previsão é que o gasto fique em 5,8 milhões, apenas 11% a mais.

A prefeita Maria Antonieta de Brito (PMDB) diz, na apresentação do projeto, que a proposta foi preparada em agosto, período em que a Administração apresentava uma dívida de R\$ 637,2 milhões, incluindo "dívida fundada, fluente e restos a pagar".

O orçamento prevê dentre suas prioridades a urbanização, saneamento e implantação de núcleos como Favela Porto-Cidade, FNHIS Santa Cruz dos Navegantes, Canta Galo, Acaraú; aumento da disponibilidade de leitos; construção das UPAs de Vicente de Carvalho e da Enseada; Aeroporto Civil Metropolitano; Cidade Digital; Desenvolvimento da Infraestrutura Turística, dentre outras.

Foram feitas 31 audiências públicas com moradores para embasar o projeto.

Orçamento de Guarujá

>> Evolução da receita do Município*

Especificação	2007	2011
Receitas correntes	477,4	783,1
Receita tributária	255,6	386,3
Receita de contribuições	0	4,7
Receita patrimonial	3,7	5,2
Receita de serviços	256 mil	422 mil
Transferências correntes	183,3	321,8
Outras receitas correntes	34,4	64,4
Receitas de capital	18,6	90,2

>> Evolução da despesa do município*

Órgão	2007	2011
Chefia do Executivo	10,7	12
Secretaria de Governo	2,4	4,5
Assuntos Jurídicos	6,5	12,8
Planejamento e Gestão Financeira	61,8	122,7
Gestão de Pessoas	24,3	29,8
Ação Social	15,6	30,8
Administrações Regionais	13,2	23,1
Cultura	2,8	6,2
Defesa Social	16,5	25,6
Desenvolvimento Econômico	6,5	12
Educação	148	244,6
Esporte e Lazer	8,2	10,8
Infraestrutura e Desenvolvimento Urbano	29,8	57
Meio Ambiente	2,6	4
Saúde	82,5	149,4
Serviços Públicos	39,2	55,1
Turismo	5,2	5,8
Reserva de Contingência	0	8,3
Total	494	842,4

* em milhões



A Tribuna
Quarta-feira, 01 de dezembro de 2010

Clipping Diário

Dia a Dia

Finalmente.

A prefeita de Guarujá, Maria Antonieta de Brito (PMDB), anunciou ontem, na reunião do Conselho de Desenvolvimento da Baixada Santista (Condesb), a conquista da cobijada Bandeira Azul pela Praia do Tombo.

Exigências

A busca do título - concedido pela Fundação para a Educação Ambiental, com sede na Dinamarca - começou há cinco anos. Para alcançá-lo, foi necessário cumprir uma lista de 33 itens, incluindo balneabilidade.

Primazia em São Paulo

A única praia com bandeira azul no Brasil até então era Jurerê, em Santa Catarina.



EDISON BARACAL - 16/6/10

Pede para sair (1)

A passagem do médico infectologista Marco Antônio Barbosa dos Reis (na foto) na Secretaria de Saúde de Guarujá não durou mais que alguns meses.

Pede para sair (2)

Ele se demitiu e foi substituído por Cássio Luiz Rosinha, que era seu adjunto.

Fogo brando

O episódio da demissão passou despercebido, mas deverá vir à tona com maiores detalhes. Logo que a chaleira começar a apitar.

Intrigado

É como o presidente da Comissão de Justiça e Redação (CJR) da Câmara de Santos, Antônio Carlos Banha Joaquim (PMDB), ficou ao saber que o colega Valdir Nahora (PSB) pediu desligamento da comissão.

Cobrança

Ainda em Guarujá, após a sessão de ontem os vereadores foram à Delegacia Sede da Cidade saber do encargo do inquérito que apura o assassinato de Luís Carlos Romazzini (PT), delegado Luís Ricardo Lara, como estão as investigações.

Silêncio

Na primeira sessão sem o petista, os vereadores demonstraram abatimento e fizeram um minuto de silêncio em homenagem ao colega morto. Nos discursos, exigiram a elucidação do crime e questionaram a banalização da violência.

Sucessão

O cargo de Romazzini foi declarado oficialmente extinto ontem. Primeiro suplente da coligação PT/PC do B, Edilson Dias (PT) tem 15 dias para assumi-lo.



“Enquanto a sociedade viver essa mentira que é a segurança pública, casos como este continuarão a acontecer”.

Ronald Nicolaci (PDT), vereador em Guarujá e oficial militar da reserva (ex-integrante da Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, a Rota), em discurso de lamento à execução do petista Luís Carlos Romazzini.



Opinião

Do Leitor

As cartas e artigos para as seções Do Leitor e Tribuna Livre devem ser encaminhados para o e-mail leitor@atribuna.com.br. Devem conter identificação completa (nome, endereço, telefone e RG do remetente). Os textos serão selecionados e, a critério da Redação, podem ser publicados no todo ou em parte.

E-MAIL
leitor@atribuna.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR
Telefone: 0800-7277710

REDAÇÃO
Rua João Pessoa 129, 3º andar, Centro - Santos,
São Paulo. CEP 11013-900

Romazzini

Enquanto fui secretário de Saúde de Guarujá tive o privilégio de conhecer o vereador Romazzini, combativo, trabalhador e honesto. Compareceu em todas as audiências públicas da Saúde. Lutou o bom combate em prol da população de Guarujá. Roma, como era conhecido, tinha feito uma opção radical e total pela verdade. Incapaz de trair seu povo, incapaz de aceitar corrupção, incapaz de tolerar qualquer sinal de desonestidade. Essa opção lhe granjeou admiradores e eleitores, mas também trouxe dissabores, dos quais nunca fugiu. Fiscalizou sua cidade. Não era raro ou incomum vê-lo de madrugada rondando hospitais e prontos socorros para verificar o atendimento; era um Quixote. Como o herói, cavaleiro andante lutando contra os moinhos de ventos, sua vida termina em tragédia. Estou triste pela morte do digno vereador, companheiro do PT. Triste pelo pobre e abandonado Guarujá, que perdeu seu quixotesco defensor.

BENJAMIN RODRIGUEZ LOPEZ, EX-SECRETÁRIO
DA SAÚDE DE GUARUJÁ



Verão não será tão quente, mas terá chuva constante

Conforme a meteorologia, as temperaturas devem ficar abaixo da média da temporada

DA REDAÇÃO

Influenciado pelo fenômeno La Niña (resfriamento da água do Oceano Pacífico), o verão desta temporada na Baixada Santista deverá ser menos quente e registrar mais pancadas de chuva ao longo do dia que o verão passado.

De acordo com o meteorologista Celso Oliveira, do Instituto Somar, órgão contratado pelo Governo do Estado para fazer as previsões que auxiliam na prevenção, o primeiro impacto causado pelo La Niña é a ocorrência mais constantes de chuvas.

“Olhando pela perspectiva do turismo, o La Niña é prejudicial porque vai chover mais. Com relação às Defesas Cívicas, elas devem ficar mais atentas aos riscos de deslizamentos”, afirma Oliveira.

A coordenadora Regional da Defesa Civil, Regina Elza Araújo,

Os níveis de operação do PPDC

>>**Observação:** acompanhamento do nível das chuvas e vistoria nos morros;

>>**Atenção:** quando o acumulado de chuva atinge 100 mm em 72 horas;

>>**Alerta:** quando há vestígios de escorregamentos, frente fria de

longa duração e acumulado de água superior a 100 mm. Ocorre a remoção preventiva de moradores em áreas de risco iminente;

>>**Alerta máximo:** quando existem escorregamentos generalizados, sendo necessária a remoção das famílias.

jo, confirma essa preocupação. “Estamos sob a égide do La Niña e teremos um verão com chuvas prolongadas, que podem durar até cinco dias seguidos, mas menos violentas”.

O meteorologista prevê que ainda esta semana os moradores da Baixada Santista terão uma amostra de como será a estação, cujas

características devem persistir até fevereiro: uma frente fria ficará estacionada sobre os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

“Quando há influência do La Niña, a quantidade de dias para aproveitar o sol e o calor são menores”, diz Oliveira.

De acordo com o especialista, os últimos verões influencia-

dos pelo La Niña foram 2007/2008 e 2008/2009.

SEM CALORÃO

A temperatura deve ficar abaixo da média registrada nesse período, o que exclui a possibilidade de calor extremo. Para explicar melhor esse fenômeno, Oliveira cita dados de anos anteriores.

“Em janeiro de 2009, houve dias em que a temperatura mínima em Santos chegou a 18 graus, mas o normal para a Cidade é chegar a quase 22”.

Já uma temperatura típica de inverno foi registrada em 23 de janeiro de 2008, pela madrugada: 15 graus. Durante a tarde daquele dia, a temperatura não passou dos 22 graus. A baixa temperatura no verão sob influência do La Niña é justificada pela chegada de massas de ar polares típicas do inverno.



Fé, amor e persistência venceram 8 cirurgias

Mulher conta a saga no tratamento da Aids

SIMONE QUEIRÓS

DA REDAÇÃO

O marido de Rita faleceu em 1990, apenas um ano depois de ter a confirmação oficial da doença. A partir de então começou sua saga nos hospitais paulistanos. “Naquela época não tinha retroviral. A gente ficou de cobaia para a USP, Unicamp, para pesquisas sobre a Aids. Eu tomei aquela injeção que o Cazuza tomava, que era para cavalo”.

Enquanto isso, as doenças iam aparecendo. Primeiro foi a depressão, depois o isolamento. Veio a trombo plaquetonia crônica, que só depois ela foi descobrir de fato o nome.

DOR

“Apareceram manchas roxas na pele, com um carocinho no meio que doía muito. Eu achava que era sarcoma de karposi. Eu tinha que tomar bolsas de sangue por causa das plaquetas”, lembra Rita.

Em seguida veio a neurotoxoplasmose, seguida do cito-

megalovírus. “Primeiro atingiu o cérebro, depois o olho. Eu estava estendendo umas roupas no varal, olhei para o céu e deu uma pontada na vista. Fui para o médico, estava com as doenças. Tenho meia visão no olho esquerdo”.

Segundo Rita, por causa disso um tumor do “tamanho de uma laranja bahia” cresceu em seu cérebro. A medicação era trazida dos EUA na época. “O remédio custava R\$ 4 mil por mês, porque eu tomava dois potes. Isso foi durante dois anos. Também tomei sulfadiazina durante mais de 20 anos”.

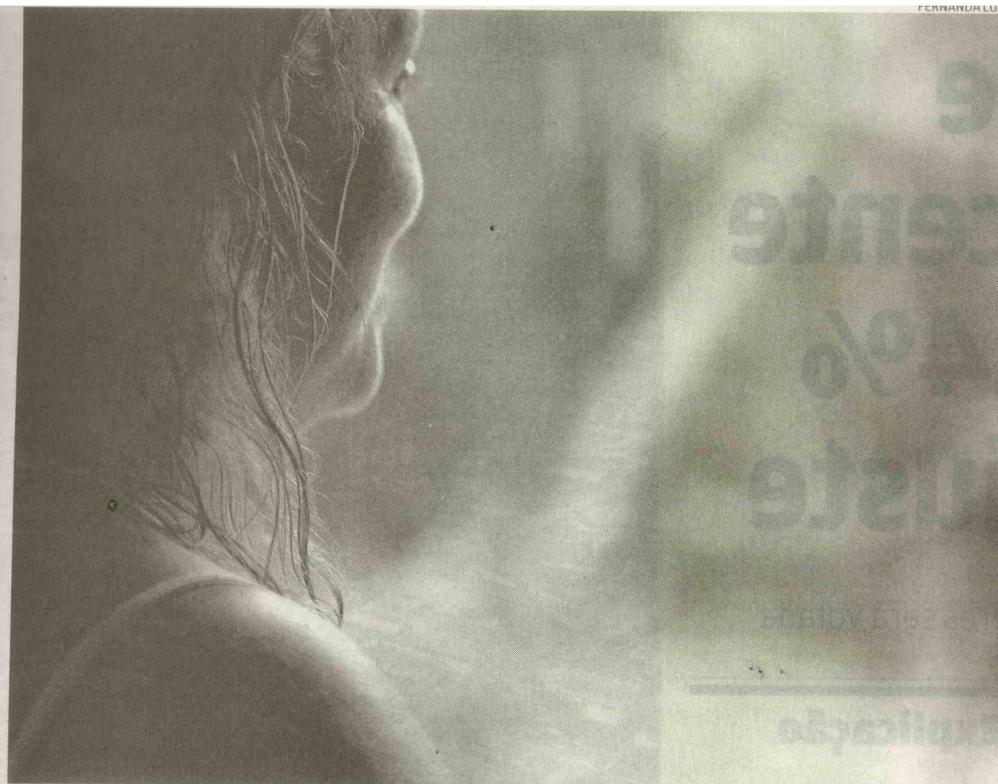
Neste período Rita já vivia diariamente no hospital. “Eu tinha o poder de chegar no hospital e ter minha cama cativa. Cheguei a ficar um ano sem colocar uma meia no pé, de tanto que minha imunidade foi lá embaixo. Meu CD4 (células de defesa) chegou a quase zero. Porque não tinha medicação e o AZT não entrava em mim. Tive alergia ao AZT e fiquei muito mal

continua...



A Tribuna
Quarta-feira, 01 de dezembro de 2010

Clipping Diário



Rita lembra que foi maltratada por alguns médicos e enfermeiros e sofreu preconceito desses profissionais

Lembranças

“Eu tinha o poder de chegar no hospital e ter minha cama cativa. Cheguei a ficar um ano sem colocar uma meia no pé, de tanto que minha imunidade foi lá embaixo”

por isso. Eu tomava às vezes 16 picadas pra acharem minha veia, que é muito difícil de encontrar”.

No Hospital das Clínicas, em São Paulo, ela afirma que vivia à base de barbitúricos. “Não tinham medicação para dar. Era droga em cima de droga,

por isso eu não conseguia me levantar. Eu estava sempre sedada. Acho que eles pensavam: vai morrer mesmo, não tem problema. E eu cuidava dos meus filhos, que eram pequenos. As palestras, as terapias com psicólogos sempre ajudavam muito”.

O problema foi quando, por causa do tumor no cérebro, começaram as convulsões. “Então eu fiquei realmente doente. Fiz duas ressonâncias na época, e aí mostrou o tamanho do tumor”.

COMA

Um dia, em que foi se consultar com um oftalmologista, teve nova convulsão. “Ele disse: leva correndo que ela está morrendo. Até hoje falam isso pra mim. Quando dizem isso eu falo: morrendo tá é sua mãe, sai pra lá”.

Mas, realmente, dessa vez ela estava em risco. “Fiquei um mês em coma, em 1996. Quando eu acordei foi a maior decepção da minha vi-

da, porque o coma para mim foi tudo de bom. Eu via médicos de branco, mas os médicos lá do hospital não usavam branco. Eles usavam roupas normais, só com o crachá. Eu via espíritos de luz tratando os pacientes”.

E depois do coma, ainda veio outro baque. “Um dia a médica me ligou e disse: venha imediatamente aqui no Hospital-Dia da Zona Norte. Eu peguei um taxi e fui correndo. Estavam em reunião e ela saiu para me atender. Me chamou e falou: você está com câncer. A minha reação foi: também? E eu comecei a rir. Falei: doutora, me tirar da minha feijoada para dizer que estou com câncer? Qual é o babado? Eu nem dei bola”.

A médica iniciou a quimioterapia no dia seguinte. “Só que eu já tomava corticóide e, com as plaquetas muito baixas, ia morrer na quimio. Eu fiz duas quimios e ela disse: se você for mais uma vez você morre”.

Então vieram as cirurgias: oito no total. “Ela avisou: sua vagina e seu útero vão fechar e você nunca mais será mulher. Eu disse: vou estar viva? Então tô dentro”.

AVCS

Rita ainda teve quatro AVCs, um por ano. “O último foi há cinco ou sete anos. Fiz dois anos de fisioterapia, fiquei com o corpo paralisado. Também tive que fazer endoscopia e deu hérnia de hiato, vesícula, pedra nos rins e uma coisinha no coração que eu preferi nem dar bola, porque era muita coisa. Eu vou te falar uma coisa: tem mais doenças aí, mas essas foram as mais marcantes”.



Mulher vence o HIV há 26 anos

Empresária de Guarujá fala como convive com a Aids e dá uma pista: O jeito que você olha para a vida é o que a vida te traz

SIMONE QUEIRÓS

DA REDAÇÃO

A Aids há muito deixou de ser sinônimo de morte. Mas, na década de 80, quando o vírus foi identificado, receber essa notícia era como ter decretada a derradeira sentença. Alguns, entretanto, conseguiram alcançar o que muitos consideravam inatingível: a longevidade. É o caso de Rita (nome fictício), uma bela e jovial mulher de 47 anos que já está há 26 com o vírus HIV.

Depois de diagnosticada como soropositiva, ela enfrentou quatro derrames, câncer, tumor no cérebro, ficou em coma durante um mês e foi dada como morta algumas vezes, fora outras doenças oportunistas. Tudo isso não foi capaz de fazê-la enxergar a doença como uma inimiga, e sim uma aliada que ajuda a manter o seu lema: o jeito que você olha para a vida é o que a vida te traz. “Eu olho de uma forma alegre, feliz, e é o que ela traz para mim”.

Rita detalha sua história e faz questão de ensinar a receita da longevidade neste Dia Mundial de Luta contra a Aids, celebrado hoje. Apesar de não se importar em se identificar, ela prefere poupar seu nome para preservar a mãe, que não quer expor a família, moradora de Guarujá.

TRANSMISSÃO

Ela conta que foi uma romântica noite de amor com o próprio marido, há 26 anos, que mudou para sempre seu destino. Casada com o primeiro e único amor, ela engravidou do terceiro filho e vivia o que considerava ser um conto de fadas. “Ele foi meu primeiro homem, casei na igreja”.

O primeiro indício de que havia algo errado surgiu em 1984, quando ele foi diagnosticado com hepatite. O estranho foi que os médicos queriam que Rita, grávida então de cinco meses, abortasse – o que ela recusou. “Eles não falavam o motivo, diziam que era por causa da hepatite. Já era o vírus que estava no meu marido”.

Rita não desconfiou que po-

Impacto

“Aquele choro foi tão doído que ajoelhei e falei para Deus: você não existe, você me traiu, eu acho que não merecia isso, você poderia ter me poupado”

deria se tratar de algo que acompanhava somente por alto, pelo noticiário. “Eu via a Aids pela televisão. Nem imaginava que poderia acontecer comigo. Não era baladeira, tinha meus três bebês, minha casa montada, meu carro, uma firma. A gente vivia bem, era uma família estabilizada. Quer dizer, eu pensava que era”.

Porém, a doença foi se agravando e o marido emagrecendo cada vez mais. O ápice foi em 1989, quando ele começou a ter uma febre intensa. O médico da família foi chamado e disse: a coisa é feia, séria e sem retorno. “Eu pensei que era um câncer, um tumor, uma coisa assim. Mas o médico pediu para os meus filhos e eu fazermos o exame também. Ai é que foi difícil”.

Mas ela só se deparou com um fato concreto quando, pouco tempo depois, flagrou o marido com uma seringa. “Só fiquei sabendo que ele usava cocaína injetável quando foi tomar banho e esqueceu a porta aberta. Quando entrei, vi ele com a mangueirinha se aplicando. Na hora eu não entendi o que era aquilo. Depois é que caiu a ficha. Foi um choque”.

NOTÍCIA

Ainda em 1989 veio a confirmação, com o resultado dos exames. A notícia foi dada por uma prima muito próxima.

“Meu marido”, recorda, “estava na sala. Ela entrou no quarto

e disse: os exames das crianças estão totalmente normais. Só que eu tenho uma coisa pra te dizer: o seu exame deu positivo. A primeira sensação foi: onde eu errei?”.

Rita afirma que viveu o momento mais doloroso de toda sua vida. “Aquele choro foi tão doído que ajoelhei e falei para Deus: você não existe, você me traiu, eu acho que não merecia isso, você poderia ter me poupado. E esse choro vai ser o último da minha vida”.

Foi como ter recebido uma sentença de morte. Religiosa, naquele momento Rita perdeu a fé. “Achava que Deus fosse ter piedade de mim, pois sabia que minha vida era totalmente correta. Eu pensei: quer dizer que é isso que eu ganho por ser uma boa mulher, boa mãe, uma pessoa correta, do bem?”.

Mas logo ela deixou de lado este sentimento para lutar contra a doença. Apesar de positivo, seu exame não era reagente, ao contrário do marido, que na ocasião já fazia tratamento no Hospital Emílio Ribas, em São Paulo. E foi neste mesmo hospital que ela recebeu o primeiro “tapa” da sociedade.

SUICÍDIO

“Eu fui levar esse exame para o médico que cuidava do meu marido. Eu cheguei com ele com aquela aparência do Caçuza e o médico disse: fala. Eu disse, bom dr., eu vim trazer meu exame. Ele perguntou: você já leu? Disse: li. Então presta atenção no que vou te falar: tá vendo seu marido como está? Você vai ficar igualzinha a ele e morrer. O médico me olhou como se eu fosse um lixo, como se fosse um nada. Ele me viu morta”.

Por causa disso, Rita quase deu fim à própria vida neste mesmo dia. “Eu quase tentei um suicídio lá dentro. Enquanto meu marido fazia uma endoscopia, eu tentei me jogar lá de cima”.

CONTINUA NA PÁGINA A-11



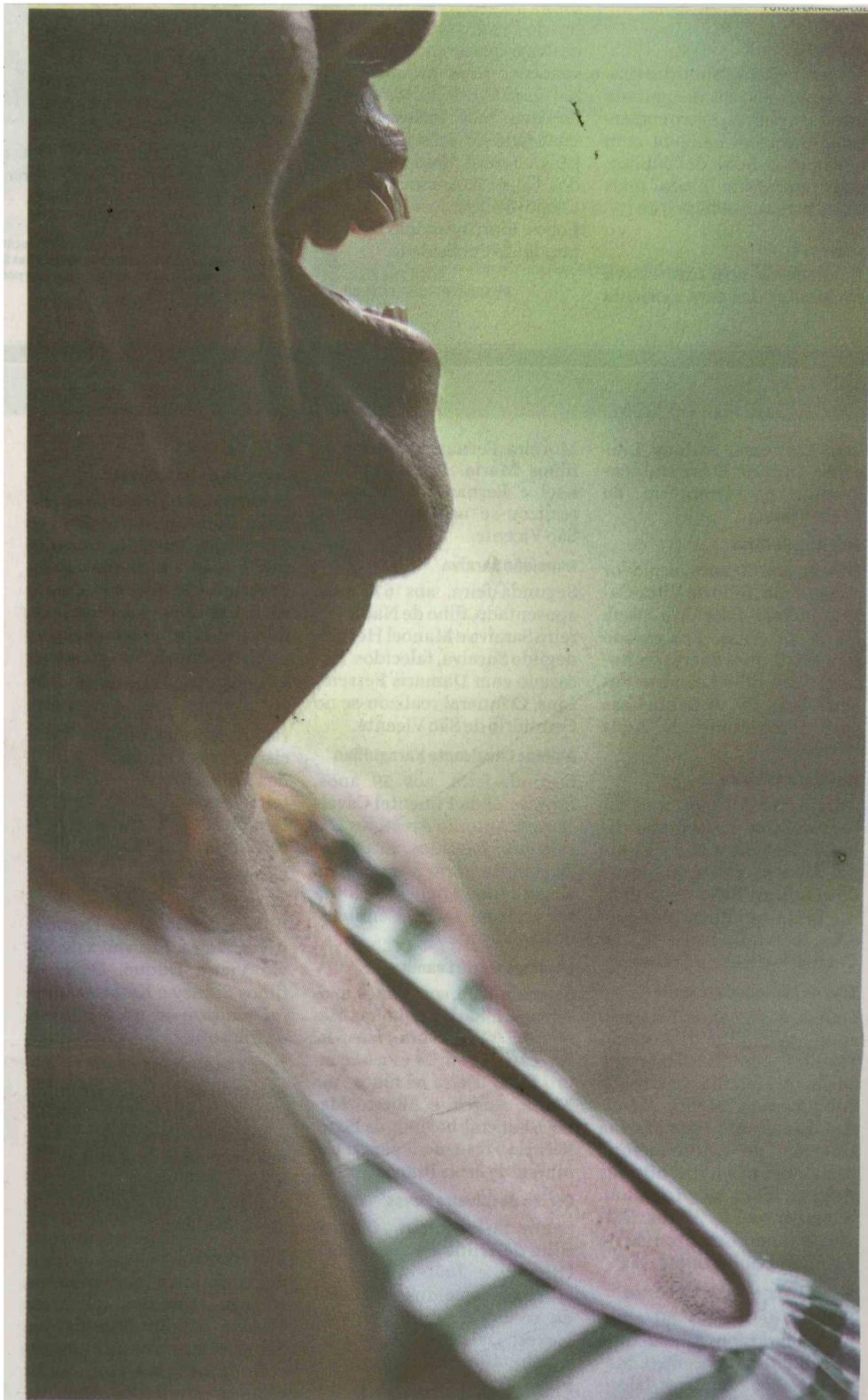
Câmara Municipal de Guarujá

ASSESSORIA DE IMPRENSA

A Tribuna

Quarta-feira, 01 de dezembro de 2010

Clipping Diário



Ela enfrentou o preconceito, teve raiva de Deus, mas se reconciliou com a vida e não vê a Aids como castigo

continua...



A vida não é mais a mesma

Filhos

Quando descobri a Aids, meus filhos estavam ainda no primeiro grau, eram pequenos. O mais velho hoje tem 28, a menina 27 e o caçula 25. Muitas e muitas vezes tive medo de beijar eles, de abraçar. No começo eu fiquei de luto, só usava preto, me isolei em casa. Eu olhava para os meus filhos e via que não tinha solução. Eu falava assim: eu tenho que me manter afastada porque eles precisam esquecer de mim. Eu achava que para eles sofrerem menos, eu tinha que me manter afastada da família. Eu era aquela mãezona que dava banho, alimentava, fazia tudo junto com eles. Levava no parquinho, colocava na caminha para dormir à tarde. Tudo isso eu fui afastando, porque eu falei: agora minha vida mudou. E eu tive excelentes médicos, que falaram para mim; você deveria ficar residente no hospital, até para estudos, e largar seus filhos com a família, porque você não tem condições de manter os seus filhos. E até hoje eu cuido dos meus filhos! Eles foram excelentes médicos, mas essa era a visão da época. Meus filhos sempre estiveram comigo, não permiti me afastar. Eu disse: já não têm pai, ainda vão ficar sem mãe? O amor só constrói. Se eu tivesse me separado deles, teria morrido, com certeza.

Preconceito

E comecei a fumar depois da Aids

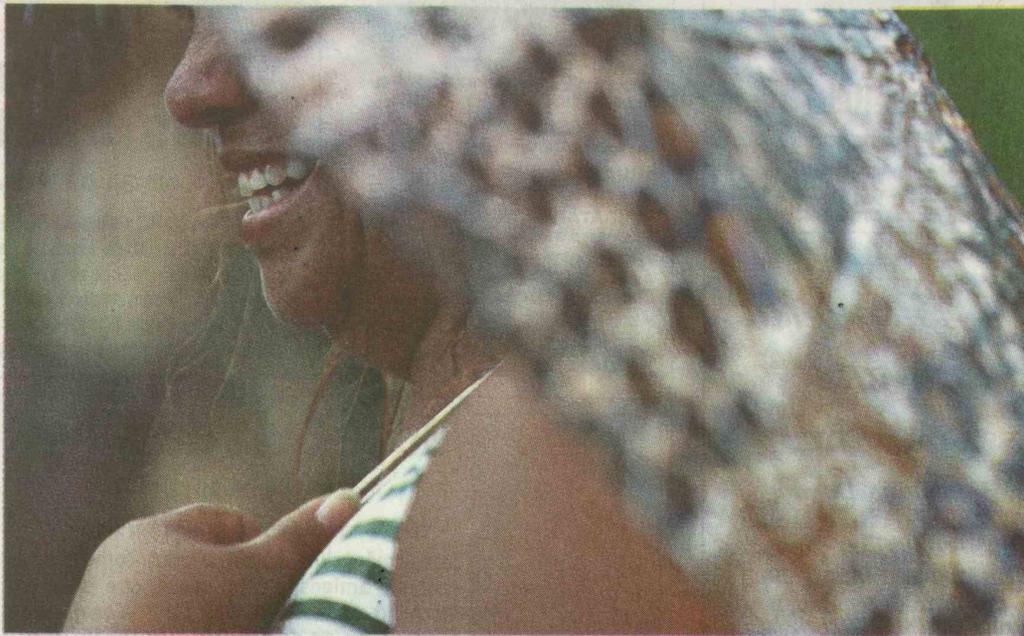
por causa da depressão, da solidão. O isolamento é uma coisa muito séria para quem é portador. Parece que é assim: agora eu vou ficar sozinho. É totalmente o oposto do câncer, onde as pessoas se unem, se sensibilizam. Na época eu falava assim: o Governo podia fazer como era na época de Jesus, quando tinham os leprosos. Fazer uma cidade só pra quem tem HIV. Só pra não sofrer discriminação. Muitas pessoas já me perguntaram se sou prostituta. Eu fui muito maltratada pela enfermagem do Hospital São Paulo. Fui jogada no chão. Havia outras cinco positivas no meu quarto, todas muito maltratadas. Algumas tinham fome, o prato estava do lado e elas não tinham força para comer. Tinha uma enfermeira pra quem eu falei: você é o demônio em pessoa, que veio aqui para me matar. Eu nunca esqueci aquela enfermeira. Ela me colocou na fila de indigentes para tomar banho. Só eu de mulher e uma fila de homens. Ela me pegou pelos cabelos. Eu estava muito fraca, mas conseguia entender tudo o que estava acontecendo. Eu não conseguia ficar de pé. Um dia, quando o médico estava entrando, ela me deixou cair no chão. O médico disse: se fosse minha paciente eu ia dar na sua cara. E a minha médica mesmo sequer aparecia. Quando eu estava internada na matriz do Hospital Santa Cruz, teve uma enfermeira que foi colocar a seringa no meu braço e veio como se fosse

continua...



A Tribuna

Quarta-feira, 01 de dezembro de 2010



dar um soco. Eu estava com pneumonia e com as plaquetas variando muito. Quando ela foi dar, segurei nos braços dela e disse: presta atenção, hoje eu estou aqui, mas daqui a cinco minutos pode ser você. Segura direito essa seringa porque senão eu mordo. Se eu fizer isso, a coisa vai ficar feia para o resto da sua vida.

Hospital-dia

O que mais me incomoda hoje não é doença alguma, mas é você não ter médico suficiente, é a estrutura do Hospital (Dia Willian Rocha, em Guarujá). Os pacientes têm

muito medo que aquilo dali se acabe. O médico está sozinho para atender a demanda toda e tem gente que vem do interior para cá. Eu tive que me virar sozinha no PAM e no PS do Perequê. Se não fossem eles eu não sei o que faria, porque qualquer coisa eu corro para lá.

Sorte

Eu nunca fiquei com a aparência de quem tinha a doença, mesmo no pior do pior. Sempre com a cor morena da praia, aparência saudável. Meu pecado é meu cigarro. Tomei muito corticóide, que é

uma medicação que tira a dor. Eu sou abençoada mesmo, porque era para eu ter um olho enorme, o rosto deformado, pois tomei 20 anos. Tenho uma sobrinha que teve um problema de tireóide e tomou dois meses. Quando for casar vai ter que fazer plástica, porque o olho saltou.

Namorado

Depois de cinco anos que fiquei viúva eu conheci um rapaz 12 anos mais novo, que foi como se fosse um anjo. Ele não tem HIV e ficou sabendo da minha doença uns três meses depois. A reação dele

não foi ruim. Ele tinha cabeça feita. Cuidou de mim como se eu fosse uma criança. Quando o conheci, eu estava muito bem, mas a minha imunidade estava baixando e eu não sabia.

Dor

Eu já cheguei a pedir veneno para morrer, porque não aguentava mais de dor e não tinha remédio. Há dois meses eu tive uma crise de visícula que eu desmaiei no PAM. Também tive há pouco tempo Herpes Zoster, que já tive antes e voltou. Você não tem noção da dor que é. A última vez que eu tive estourou por dentro e eu fiquei três meses com a doença. Dessa vez eu fiquei só 12 dias.

Vida

Minha imunidade hoje se mantém em 790, 800 já há alguns anos. Meu CD4 chegou a quatro e demorou muito para normalizar. Eu ficava com 60, por aí. A Aids me trouxe sabedoria, vivência, me fez enxergar a vida. A Aids é minha vida, sou uma pessoa feliz. Eu falei assim: tá achando que esse vírus vai me matar? Quem vai matar ele sou eu. Eu tenho pra mim que daqui há uns anos você vai me ver e eu vou falar: estou curada. Tenho um neto de 9 anos e ainda vou ver meus bisnetos. Eu passo pelos meus BOs, só que eu supero com um sorriso de orelha a orelha.



Aids: divergência de informações confunde

ALESSIO VENTURELLI

DA REDAÇÃO

É para comemorar ou desconfiar, afinal?

Na data em que é celebrado o Dia Internacional da Luta Contra a Aids, autoridades de saúde e entidades que representam os portadores de HIV mais parecem em um campo de batalha do que unidas em torno de uma causa. A diferença é que ao invés de mísseis e balas de canhões, essa briga tem se dado por meio de informações.

De um lado, o Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado e os órgãos municipais da área apontam para uma redução drástica no número de óbitos desde a década de 1990 - em torno de 65% em relação a 1995, ano auge da epidemia.

De outro lado, dezenas de organizações civis que representam os portadores da doença questionam esses dados, afirmando que há uma série de fatores que estão sendo ignorados nessas estatísticas.

“A grande verdade é que somos cada vez mais vitimados por causas que não estão incluídas nessas estatísticas”, garante Luís Alberto Simões Volpe, fundador da ONG Hipupiara, entidade que atua na prevenção e apoio aos portadores de

Realidade na região

SANTOS

Taxa de mortalidade/100mil hab

1989 - 207

1999 - 289

2009 - 185

2010 - 100

CUBATÃO

Taxa de mortalidade/100mil hab

2005 - 1,8

2006 - 0,8

2007 - 1,36

2008 - 1,37

2009 - 0,67

2010 - 1,5

SÃO VICENTE

Taxa de mortalidade/100mil hab

1995 - 39,9

2005 - 21,0

2006 - 12,7

2008 - 16,4

2009 - 16,6

PRAIA GRANDE

2007 - 26 óbitos

2008 - 24 óbitos

2009 - 33 óbitos

2010 - 29 óbitos

MONGAGUÁ

Segundo a Prefeitura, em 2008

foram registrados 3 mortes

por HIV e, em 2009, 4 mortes

GUARUJÁ

Município registrou 37 óbitos por

HIV em 2009 e 28 em 2010

FONTES: ESTADO E PREFEITURAS FONTES:

Contraponto

Estudos do Hospital da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) relacionam o surgimento de doenças cardíacas, renais, pancreáticas e metabólicas ao tratamento contra o vírus do HIV. Levantamento recente concluiu que o número de óbitos por problemas no coração, rins, diabetes e cânceres subiu 8% ao ano, entre pessoas com HIV, ao passo que esse número ficou entre 0,3% e 3% entre pessoas não portadoras. Com base nesses dados, a ONG Hipupiara estima que cerca de 11 mil óbitos/ano têm deixado de ser contabilizados, pelo fato de as autoridades de saúde não reconhecerem tais enfermidades como “doenças determinantes”

HIV na região.

O erro, segundo ele, está na metodologia com que os ór-

gãos de saúde se baseiam para produzir tais estatísticas. “Eles só estão calculando as pessoas

que morreram em decorrência de doenças que são consideradas determinantes, como é o

Balanco

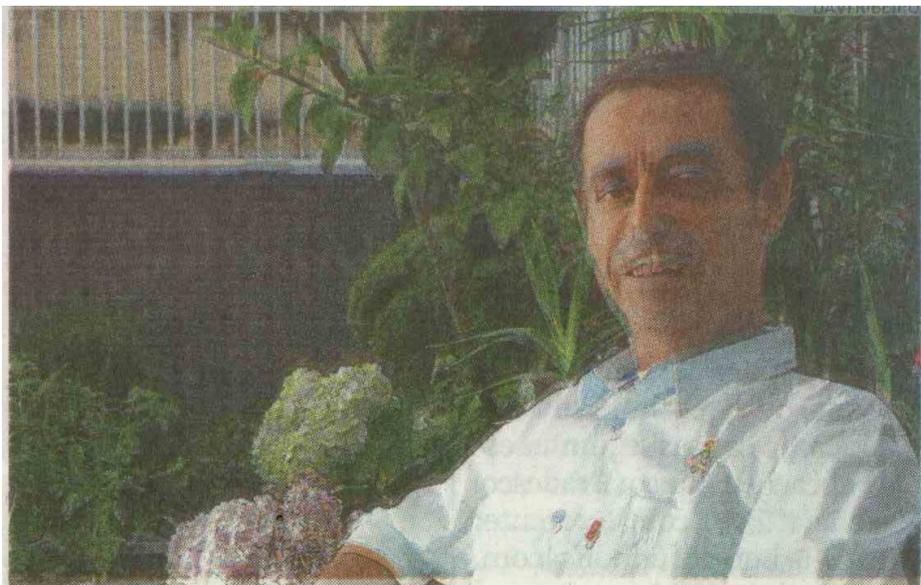
5.753

CASOS

de Aids foram confirmados em Santos de janeiro de 1980 até junho de 2010, sendo o 2º município no Estado em número de notificações. Perde apenas para São Paulo, que soma 75.526 casos nos últimos 30 anos

Clipping Diário

continua...



Volpe questiona metodologia usada para produzir estatísticas

caso da insuficiência respiratória, pneumonia, tuberculose, septicemia etc. Mas estão ignorando estudos recentes que mostram que doenças como o câncer, o diabetes, a lipodistrofia, entre outras, também estão associadas ao HIV, como efeito colateral ao tratamento”.

Ele diz ser um exemplo de portador do vírus que sofre com as consequências do tratamento da doença, pois vai para a 18ª cirurgia: já retirou três tumores da região do reto e do abdômen e precisará retirar mais dois nos próximos meses.

As autoridades reconhecem que a terapia utilizada atualmente (à base de antirretrovirais) pode produzir efeitos colaterais diversos. Mas lembra que ela trouxe grandes melhoras para a qualidade de vida

dos pacientes, sendo o que há de mais recomendável no momento.

“A gente não nega as consequências do tratamento, nem mesmo a possibilidade desses fatores realmente contribuírem para o surgimento de outras enfermidades. Porém, falta investigar essas suspeitas a fundo. Não dá pra se basear apenas por um estudo. É preciso mais”, ressalta a coordenadora do Centro de Referência e Tratamento (CRT) de Santos, Márcia Frigério.

Ainda assim, ela destaca que os dados atuais são bastante animadores e apontam para um cenário bem melhor do que o das últimas décadas. “Isso ninguém pode negar”.



Marginal faz família refém em Guarujá

DA REDAÇÃO

Um marginal assaltou a casa de um comerciante e fez sua família refém durante a ação no Jardim Primavera, em Guarujá. O ladrão conseguiu fugir com mais de R\$ 4 mil.

De acordo com o apurado, a vítima, que é dona de um restaurante, saía de casa quando foi abordada por um homem armado, descrito como pardo, cerca de 20 anos, alto e usando boné.

O comerciante foi obrigado a voltar para casa onde também foram rendidos sua mulher de 30 anos e filho de 13 anos. Inicialmente o ladrão pegou R\$ 2,2 mil, um relógio de pulso, uma corrente e um videogame.

REFÉM

Para conseguir roubar mais dinheiro, o marginal manteve a a mulher e o adolescente como reféns enquanto o comerciante foi até a casa de um amigo para pegar nova quantia.

Ele conseguiu mais R\$ 2 mil emprestado e entregou ao assaltante, que fugiu em uma motocicleta preta.

Há informações indicando que o marginal já teria frequentado o restaurante do comerciante. O caso foi registrado na Delegacia Sede de Guarujá. As as vítimas folhearam os álbuns fotográficos da unidade policial, mas não identificaram o assaltante.